

**Povos Indígenas no Brasil**Fonte: Gazeta do AcreClass.: Res. ExtrativistaData: 05/02/88Pg.: 05

Foto: Argemiro Lima



O seminário de meio ambiente foi aberto com o pronunciamento do governador Flaviano Melo

## Americana aponta vantagens econômicas no extrativismo

Bióloga, economista, com especialidade em ciência do solo, a professora de Planejamento da Universidade da Califórnia, Susanna Hecht, com o ecologista norte-americano do EDF, Steve Schwartzmann, realizaram um estudo comparativo da produtividade da Pecuária, Projeto de Colonização e Extrativismo na Amazônia, que comprova a vantagem econômica e social do Extrativismo sobre as duas outras atividades, com reticências à exploração madeireira.

Susanna Hecht apontou como problema do modelo de ocupação baseado na pecuária o fato de não ser auto-sustentável, envolver grandes jogos financeiros, servir a processos de especulação, com episódios de violência na história da posse da terra na região Amazônica e comentou a utilização do mesmo para capturar outros recursos, como através da exploração de madeira de lei da área de reserva de 50% das propriedades. Ela declarou que a relação boi para ocupação na região é de um para cada hectare no início da formação do pasto, com declínio nos anos posteriores.

A rentabilidade da pecuária na Amazônia, segundo a pesquisadora norte-americana deve-se ao crédito, "mais no nível da circulação, e não do investimento local". Quanto aos problemas dos projetos de Colonização — acrescentou Susanna Hecht — são os mesmos encontrados na Amazônia peruana, equatoriana e colombiana, onde a taxa de desistência fica na faixa de 60% de colonos. No Brasil o índice de desistência observado nas estatísticas governamentais cresce para 70%. O fato é provocado por problemas ecológicos vinculados com a lavoura branca, falta de infra-estrutura, dificuldades de ordem institucionais

e de comercialização da produção, disse Hecht.

Nos projetos de colonização — afirma Susanna Hecht — a maioria dos colonos não vive só da agricultura, mas também vende a sua força de trabalho, o que contribuiu para o fracasso do modelo, na escassez. Ela aponta ainda implicações de violência no processo de colonização, episódios de expulsão da terra e especulação fundiária, o fenômeno da migração e da marginalização associado aos fluxos de migrantes para as cidades e novas fronteiras.

Com relação ao extrativismo, Susanna Hecht — que abordou o estudo dos três modelos na abertura do seminário "O Desenvolvimento da Amazônia e a Questão Ambiental" — disse que essa atividade econômica tem sido vista como ultrapassada, pouco produtiva e incompatível com o desenvolvimento regional. A pesquisadora acrescentou que mesmo assim, o modelo extrativista é auto-sustentável, mas a sua viabilidade econômica como está sendo normalmente entendida, nesse gênero de análise nunca é levada em conta nas suas peculiaridades.

No estudo elaborado pelos dois pesquisadores, foram comparadas unidades de produção com 300 hectares de Pecuária, de Extrativismo e de Projetos de Colonização. Para a Colonização foi analisado um projeto de Rondônia, que abriga três famílias de colonos no espaço delimitado. Na pecuária foi usada pesquisa da Embrapa, dados de campo elaborados por Susanna Hecht e outras informações obtidas do IBGE sobre a produção no Acre. O trabalho completa-se com pesquisa feita num seringal autônomo de Xapuri, sobre o extrativismo.

Foi levado em consideração no estudo — explica Susanna Hecht — não só a produtividade bruta mas os

custos de produção. Na colonização associada a lavoura branca, o saldo tem sido negativo, o que justifica a venda da força de trabalho, observou. Cada Projeto de Colonização é implantado sob elevados custos, associados ao fator tempo, que dão declive à produtividade após cinco anos, disse a pesquisadora.

A pecuária também registra perda nas pastagens, de custo elevado na recuperação, com fertilizantes, queima e períodos de descanso para repor nutrientes. No extrativismo, porém — observa Susanna Hecht — tais custos não entram, devido ser um modelo auto-sustentável. Os três modelos tiveram seus custos calculados e esse número foi extrapolado para períodos de 1 a 5, 5 a 10 e 15 a 20 anos.

Com 5 anos, o valor do produto bruto é maior para a pecuária e o extrativismo. Em cinco a dez anos, o valor cai para a pecuária e se mantém estável para o extrativismo. Com 15 a 20 anos, o mesmo valor declina tanto para os Projetos de Colonização como pecuária. E a produção do extrativismo se mantém ainda estável no período.

Os dois pesquisadores calcularam essa relação em dólares no espaço de 20 anos, e obtiveram o seguinte resultado: a agricultura na Amazônia registrou um prejuízo acumulado de 50 mil dólares; a Pecuária, um prejuízo de menos de 103 mil dólares e o extrativismo um lucro de 50 mil dólares. Hecht afirma que "mesmo como está, o extrativismo, que pode não ser o ideal, mas ainda é uma base sólida para investimentos. O setor é pouco pesquisado, mas tende a melhorar com as últimas contribuições científicas, e mais ainda com as propostas de reservas extrativistas, não só pelo conteúdo social mas forte justificação econômica": (Flaminio Araripe).

Foto: Sérgio Valle